

A MISSÃO DE ACOMPANHAR

Por Humberto Henriques, mSC

A estrada fica sempre mais curta e o cansaço é sempre menor quando temos bons companheiros de viagem (Haved Nivah)

1. Partir juntos o pão

A origem da palavra “acompanhar” está radicada no latim “*companio*”, de *cum panis*, ou seja, aquele com quem se reparte o pão. A mesma raiz latina também dá origem à palavra companheiro e, nesse caso, porque não dizer companheiro de viagem. Toda riqueza simbólica desta referência pode nos ajudar a entender o que significa, para nós Formadores, a divina missão do acompanhamento vocacional dentro da Casa de Formação.

Porque somos seres de relação, nós não repartimos o pão e nem compartilhamos a estrada com apenas uma só pessoa. Mais ainda, quando falamos a partir do contexto eclesial e da Vida Religiosa, o pão é o alimento que se reparte em comunidade e a estrada é a mesma para todos, embora seja percorrida de maneira individual. Tendo isso por base, podemos certamente afirmar que o sujeito primeiro do acompanhamento é a comunidade no seu todo. Uma comunidade, seja ela missionária ou de uma casa de formação, é o sujeito principal do acompanhamento.

Comer juntos o mesmo pão não se refere somente ao ato de dividir o alimento, mas, sobretudo, a vida e o itinerário que se faz caminhando juntos. Será muito importante aqui ressaltar um trecho contido em nosso documento de Valladolid, em que o antigo Pe. Geral, Chris Braun, msc, define a Casa de Formação como “**Uma comunidade formativa**”¹. Penso que aqui há uma importante mudança de paradigma. Quando falamos Casa de Formação ou Seminário, temos a tendência em pensar somente no lugar físico onde se colocam formadores e formandos, uns com o dever de “formar” e outros com a obrigação de serem “formados”. Já quando falamos em comunidades formativas, podemos compreender que o ator da formação não é somente um (o formador), mas vários, ou melhor, é a própria comunidade que forma.

¹ Conference given by C. Braun, msc on **MSC Formation Today** at the beginning of the worldwide meeting of MSC-Formators

Apesar de considerarmos esse pano de fundo da comunidade que forma, está claro para todos nós o papel fundamental que o Formador exerce como acompanhante. É um dever específico que brota de sua missão dentro de uma Casa de Formação (comunidade formativa). A ele compete acompanhar tanto a comunidade quanto o indivíduo que se colocou no processo formativo.

O acompanhamento da comunidade tem por objetivo evidenciar os limites e qualidades de cada pessoa na relação com o(s) outro(s), assim como avaliar se os membros da comunidade formativa são capazes de evoluir na humildade do serviço e na partilha dos dons recebidos. Uma comunidade só será uma verdadeira escola de discípulos se os membros se colocarem a serviço e, através da correção fraterna, denunciarem todo possível traço de busca de poder e aniquilação do outro dentro da comunidade. O acompanhamento da comunidade se insere no contexto do discipulado e remonta à comunidade dos Doze que, antes de serem enviados em missão, foram chamados a estar com Ele (cf. Mc 3,14). Quem não consegue estar junto em comunidade dificilmente poderá ser missionário em nome da comunidade.

Já o acompanhamento individual, ao qual vamos dedicar mais atenção nesse texto, tem por objetivo ajudar o formando a integrar progressivamente as várias dimensões que caracterizam sua vida e personalidade para, vivendo em comunidade, abraçar o carisma congregacional e servir ao Senhor. “Neste processo, articulam-se três instâncias: **a escuta da vida, o encontro com Jesus e o diálogo misterioso entre a liberdade de Deus e a da pessoa**. Quem acompanha, acolhe com paciência, suscita as questões mais verdadeiras e reconhece os sinais do Espírito na resposta dos jovens.”²

O jovem que decidiu se submeter ao processo formativo é alguém em um momento crítico de mudança de vida. O modo como cada um elabora essa mudança vai depender muito de quem o acompanha e como o acompanha. Sobre o ‘como’ – a estratégia – poderíamos aqui delinear duas, utilizando-nos das palavras do Papa Francisco sobre a formação³:

² SINODO DEI VESCOVI; XV ASSEMBLEA GENERALE ORDINARIA. *I Giovani, la fede e il discernimento vocazionale*. Documento Finale. Torino: Elledice. 2018

³ PRADO, Fernando. *A força da Vocação: a vida consagrada hoje*. Prior Velho (Portugal): Paulinas, 2018, p.65

1. Modalidade policial – aquela em que o formador vai se utilizar do acompanhamento e das conversas para tentar controlar o formando a fim de que ele cumpra regras e aquilo que é mandado⁴. Poderia chamar essa modalidade também de superficial, uma vez que ela enxerga o que emerge, mas não consegue perceber o que está submerso e na fonte das ações do formando.
2. Modalidade artesanal – aquela em que o acompanhante valoriza o formando como ele é e ensina-o a discernir a partir daquilo que traz consigo, levando em consideração suas luzes e sombras⁵. Aqui o formador pode até estar atento às regras que, por força, devem ser cumpridas. Mas não será esse o foco ao qual deve se ater. Antes, deverá estar atento à fonte, ou seja, ao lugar a partir do qual o formando atua. Diferente de um modo superficial de acompanhar, essa estratégia é mais profunda e mais coerente com o tipo de formação que queremos e com a Espiritualidade do Coração.

2. O acompanhamento individual durante o processo formativo

No caso específico do jovem na Formação Inicial, penso que o objetivo do acompanhamento individual é detectar os sinais vocacionais presentes na motivação do jovem que quer entregar-se à Vida Religiosa Consagrada. Mais do que isso, o acompanhamento regular e progressivo tem por objetivo, perceber e identificar se o carisma pessoal do candidato – porque cada um de nós traz um carisma pessoal – pode acomodar em si o carisma da Congregação – que tem também sua particularidade. Em outras palavras poderíamos dizer que o acompanhamento deve discernir se o candidato tem vocação para viver o carisma deixado pelo Fundador dentro da missão de nossa Congregação Religiosa.

A pessoa do formador (acompanhante) figura no Documento do Sínodo dos Jovens como “unificador” do caminho formativo e, em consulta com outros atores envolvidos no processo de formação, poderá decidir interromper o caminho formativo de algum candidato se, através do acompanhamento,

⁴ Ibid., p.65

⁵ Ibid., p.65

percebe que faltam os vínculos vocacionais e/ou religiosos com a Vida Religiosa e com a Congregação.

Se, por um lado, entendemos a vocação como um chamado (do latim = *vocare*), por outro temos que dizer que nem todo candidato foi chamado para a vocação religiosa e que, muitas vezes, entram no processo com outras motivações, conscientes ou não, mais ligadas à imagem da Igreja enquanto Instituição do que à Igreja enquanto carisma⁶. E por isso o acompanhamento durante todo o processo é absolutamente necessário para ajudar o candidato, na liberdade, a discernir qual é a sua verdadeira vocação.

Cabe ainda ressaltar que o acompanhamento pressupõe uma tarefa ética quando consideramos que o ser humano é um sujeito capaz de fazer escolhas e que escolher o seu futuro é algo que lhe pertence e não deve ser expropriado por ninguém. Não podemos, de maneira nenhuma, fazer ‘proselitismo vocacional’, ou seja, tentar converter uma pessoa sem vocação para a Vida Religiosa somente por causa de nossos baixos números ou por outros motivos.

Não quero dizer aqui que a verdadeira vocação é cem por cento pura. Podemos ser resgatados pelo Senhor a partir de qualquer situação, mesmo aquelas ligadas ao aspecto socioeconômico como, por exemplo, os candidatos que chegam até nós por causa da falta de perspectiva de vida e emprego. Também por essa via o Senhor pode chamar. A questão para o acompanhamento não é tanto **o que motivou** a entrada no processo de formação, mas **o que o mantém**, assim como ter o mínimo de certeza de que o formando é capaz de compreender que a vida missionária é serviço e não uma forma de obter vantagens ou esconder-se de si mesmo.

Por isso, à medida que o acompanhamento individual evolui, o formador deve saber avaliar a necessidade ou não de um acompanhamento psicológico. O documento final do Sínodo dos Jovens reconhece que

⁶ Sempre existem jovens na busca do amparo da instituição (...). Há algumas congregações religiosas, masculinas e femininas, que ainda não se deram conta da necessidade que há hoje de se fazer um exame minucioso das vocações que se apresentam e uma boa seleção das vocações que lhe surgem. Quando se admite jovens sem vocação sincera, sem uma paixão clara por seguir Jesus e viver como Ele, que procuram refúgio em uma instituição assim, está-se a hipotecar o seu instituto ou o futuro do ministério sacerdotal. Não se podem admitir pessoas que não sejam aptas, ou pessoas com problemas bastante sérios que julgam encontrar amparo frente aos mesmos na vida consagrada. (PRADO, Fernando. *A força da Vocação: a vida consagrada hoje*. Prior Velho (Portugal): Paulinas, 2018, p.53)

“O acompanhamento psicológico ou psicoterapêutico, se estiver aberto à transcendência, pode revelar-se fundamental para um caminho de integração da personalidade, reabrindo a um possível crescimento vocacional alguns aspectos da personalidade que estavam fechados ou bloqueados. Os jovens vivem toda a riqueza e fragilidade de ser um “canteiro de obras aberto”. A mediação psicológica poderia ajudar não só a percorrer com paciência a história pessoal, mas também a reabrir interrogativos para se chegar a um equilíbrio afetivo mais estável”.

Uma condição *sine qua non* para fazermos qualquer escolha de vida é o autoconhecimento. A pessoa precisa saber quem ela é antes de tomar uma importante decisão na vida, como a vocacional. Precisa definir-se socialmente, religiosamente, eticamente, precisa definir sua identidade sexual e ocupacional⁸. Tudo isso se configurará em sua identidade pessoal. Quando o formando puder, minimamente, definir-se, poderá fazer escolhas na vida.

Dito isso sobre o acompanhamento individual, vamos nos valer das três instâncias trazidas pelo Documento do Sínodo dos Jovens, citadas acima, e procurar entender onde se situam essas três instâncias no processo formativo. O acompanhamento é um caminho a ser percorrido. Formador e formando percorrem juntos a mesma estrada.

3. A escuta da vida, o encontro com Jesus e o diálogo misterioso entre duas liberdades

O episódio do Caminho feito pelos discípulos de Emaús (Lc 24,13-35) é mais que uma referência quando se fala de percorrer juntos a mesma estrada. Ele pode ser considerado como um arquétipo a partir do qual podemos entender muitos aspectos da vida. Aqui quero me valer deste trecho do evangelho de Lucas para falar do acompanhamento a partir do processo pelo qual Jesus submete os dois discípulos. Nesse caso, Jesus é o Formador (acompanhante) dos dois formandos (discípulos) que precisavam dar um novo significado à dor que experimentaram.

⁷ SINODO DEI VESCOVI; XV ASSEMBLEA GENERALE ORDINARIA. *I Giovani, la fede e il discernimento vocazionale*. Documento Finale. Torino: Elledice. 2018. N.99.

⁸ BOHOSLAVSKY, Rodolfo. *Orientação Vocacional: a estratégia clínica*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. Pag.221. (Série psicologia e pedagogia).

3.1. *A escuta da vida – Jesus se aproxima e caminha com eles (Lc 24,13-15)*

Os discípulos iam tristes pelo caminho, buscando um sentido ou um sentimento que expressasse toda sua decepção com os eventos que tinham acabado de acontecer. Muitos tipos de sentimentos nascem em nós e não conseguimos definir o que são e o porquê de estarem ali. Ficamos perdidos. Nesse momento Jesus se aproxima para caminhar junto e começa a escutá-los, sem julgamentos, sem correções, sem cinismos, com a mente e o coração abertos, para simplesmente acolher o que os dois traziam de suas histórias de vida e da expressão de seus sentimentos.

O acompanhamento individual, seja com qual objetivo for, vai exigir, em primeiro lugar, a atitude de escuta da vida. Com o termo “escuta da vida” vou me referir à todas as histórias que trazemos armazenadas na mente, no coração e no corpo. Sim! Existem histórias de vida marcadas no corpo – posturas, doenças, marcas, comportamentos etc. – e que precisamos também procurar entendê-las. Escutar a história da vida do formando é não se alienar a um tipo comum de comportamento de muitos acompanhantes espirituais que se contentam em ouvir formulações superficiais de uma vivência espiritual totalmente desligada da realidade. Quando se começa a falar muito do céu e pouco do barro do qual somos feitos, precisamos levar a pessoa a olhar para a própria humanidade, para o próprio *humus*.

A escuta da vida vai exigir um movimento de mão dupla: da parte do acompanhado, deverá crescer a confiança e ser capaz de desdobrar sua história paulatinamente no sentido de buscar ver o todo e discernir para onde Deus o está conduzindo. Da parte do acompanhante, este deverá oferecer tal confiança para que o formando se sinta seguro em compartilhar seu pão, suas histórias, e percorrer a sua estrada sendo ajudado por ele.

Aqui, no entanto, pode surgir um grande problema para o formando, mas que é possível resolver com paciência e sabedoria: como confiar em alguém que vai me avaliar a partir daquilo que eu disser? O formando sabe que deve se abrir com o Formador, mas também sabe que será avaliado pelo seu Formador. Uma das maneiras mais simples de desatar esse nó é quando fica claro para os dois

que a honestidade e a sinceridade são os elementos que pesam para a tal avaliação.

Logo no início do percurso o formador precisa dizer e demonstrar que a abertura e a transparência são condições essenciais para o acompanhamento e que é isso que deverá ser avaliado: até que ponto esse candidato é capaz de ser honesto consigo mesmo e com a Congregação para ‘banciar’ sua vocação? Para mim, se o acompanhamento individual deve ter um critério esse é um dos mais relevantes. O Formador deverá, no entanto, ser paciente e saber que confiança não se constrói da noite para o dia. Não se pode exigir que um formando, já na primeira conversa, revele tudo de si. Mas também não se pode admitir que um formando, ao final do processo, não tenha revelado nada de si mesmo.

As pessoas, e no nosso caso os formandos, desejam ser escutados com empatia. Desejam ser acolhidos, tratados e curados, assim como os discípulos se sentiram acolhidos pelo Mestre quando iam com Ele pelo caminho partilhando seus lamentos. O Mestre calçou as sandálias deles, percorreu o caminho com eles, deixou que eles se expressassem. Na escuta, não se trata de trazer respostas prontas para todas as perguntas. Aliás, essa é uma das grandes tentações que temos como clérigos, ou seja, ter que dar respostas a todas as perguntas. O acompanhamento tem mais a ver com aprofundar as perguntas do que respondê-las.

Aquele que escuta com empatia deverá estar atento às diferenças culturais, econômicas, sociais e de cosmovisão que cada formando traz. Às vezes, até mesmo jovens da mesma região trazem experiências completamente diferentes, principalmente no mundo globalizado de hoje. Não é possível mais, no acompanhamento, ter receitas e respostas prontas para tudo. Por isso, mais uma vez, o acompanhamento é não sobre resolver problemas, mas sobre escutar a vida que pulsa em cada indivíduo, empoderando-o pouco a pouco para poder escolher o caminho a seguir.

Assim como os discípulos de Emaús, os formandos hoje trazem muitas desilusões: relação com os pais e a família, marginalização, exclusão, histórias de abusos – seja de poder ou até mesmo sexuais –, seu corpo e afetividade, assim como muitas outras que poderiam ser citadas aqui. Muitas dessas

desilusões serão ressignificadas através da escuta. Jesus segue o mesmo caminho, a escutá-los.

3.2 O encontro com Jesus – Os olhos dos discípulos se abrem (Lc 24,27-31)

Jesus entra na casa dos discípulos a pedido deles: “*é tarde, fica conosco!*”. E ali, ao partir o pão, os olhos deles se abrem, reconhecem Jesus e se lembram que o coração deles ardia enquanto Ihes explicava as Escrituras pelo caminho, mostrando que todas aquelas coisas deveriam acontecer para que a história se cumprisse.

No acompanhamento individual durante o processo formativo, essa segunda etapa talvez seja a mais exigente para o acompanhante. Porque se trata de reformular as questões, rever (ver com outros olhos) a vida através de uma outra perspectiva. O Formador aqui precisará ser capaz de abrir o mapa da vida diante dos olhos do formando e mostrar que existem áreas inexploradas, lugares onde talvez ele não tenha conseguido chegar e indicar o caminho para ir até lá e pôr para fora o que precisa ser falado e explorado.

Assim como Jesus foi explicando, pacientemente as Escrituras aos discípulos de Emaús, mostrando que tudo deveria acontecer daquele jeito, o Formador deverá fazer o mesmo: considerar tudo o que se passou ou que se passa na vida do formando para que ele possa entender o passado a partir daquilo que está pedindo para nascer. O acompanhante deve ajudar o acompanhado a perceber os sinais e enxergar a sua história a partir da ressurreição e não dos traços de morte presentes nela. Além disso, enxergá-la como história de um chamado, se esse for o caso.

Para que o acompanhamento evolua para esse estágio é preciso que as conversas sejam profundas e não superficiais. É preciso que o objeto das conversas seja algo importante para ser ressignificado (ganhar outro sentido). No acompanhamento, haverá dias em que as conversas serão meramente superficiais ou práticas. E é bom que nem todas as conversas sejam exigentes. Às vezes é importante relaxar e dar tempo para que os temas mais importantes emerjam. Porém, se o formador percebe que o formando só traz questões

superficiais, precisará em algum momento, provocar o formando para que ele aprofunde os temas e o convide para entrar na sua 'casa'.

Por experiência, sabemos que cada pessoa que realmente se submete ao processo, tem sempre um ponto em torno do qual giram as conversas e as questões. Geralmente é um evento, um trauma, uma imagem distorcida de si que suscitam outras e outras questões. Importante aqui é encontrar esse ponto de convergência e, a partir dele, ir lendo os eventos à luz da ressurreição e do chamado vocacional.

O Formador deverá estar bem sustentado pela vivência de uma espiritualidade que lhe permita conduzir o formando a esse outro estágio que é o do encontro com Jesus. É aqui que, a partir da dura realidade da história que o formando traz, com todas as suas dores, o Formador é chamado a se perguntar junto com o formando: 'Para que isso aconteceu em minha vida?'. Essa pergunta destrói o vitimismo do 'porquê', que aponta para o passado, e constrói o protagonismo do 'para que', que nos joga em direção ao futuro. O objetivo é ir, junto com o formando, identificando os elementos vocacionais presentes na história dele à luz do Espírito de Deus, a fim de discernir qual é a sua vocação. Se nada é por acaso, precisamos de acompanhantes que saibam escutar e fazer com que o acompanhado se encontre com Jesus, ou seja, com o 'para que' de sua história.

3.3 O diálogo misterioso entre duas liberdades – E voltaram imediatamente para Jerusalém (Lc 24,33)

Da escuta da Palavra passa-se à alegria do encontro com Jesus. Ele lhes explica tudo o que deveria acontecer para que os discípulos chegassem a reconhecer que Ele estava com eles, que Ele não os havia enganado e que continuaria com os discípulos através da presença do Espírito Santo. E o mais importante: que o sinal do partir o pão se tornaria, para eles, sacramento de vida eterna. Os discípulos não têm mais dúvida e agora já sabem o que fazer: partem de volta para Jerusalém a contagiar os outros com a Boa Notícia e continuar a missão deixada pelo Senhor.

Saber o que fazer. Saber qual resposta dar. Se o acompanhamento individual chega a esse patamar, podemos dizer que cumpriu com o seu papel.

O formador que, ao final do acompanhamento – seja ele de um ano, uma etapa ou de toda o processo formativo – tiver ajudado ao formando a dar uma resposta, na liberdade, terá ajudado esse candidato no seu discernimento.

A partir da escuta da vida o formador ajudará o formando a olhar por outra perspectiva, enxergar coisas que não se vê superficialmente, clarear o que está embaçado, fazer perguntas que o formando até agora não teve coragem de se fazer. No final do percurso, quando as coisas ganharem um novo sentido, o formando estará em paz com sua história e terá a liberdade de fazer escolhas, seja para continuar ou não pelo caminho da Vida Religiosa. Sem todo esse movimento é bem possível que a escolha seja influenciada pelos nossos afetos desordenados, pela leitura equivocada de nossa história de vida ou até mesmo pela imagem de uma Igreja institucional fixada no poder.

Segundo Rodolfo Boholavsky, grande especialista e teórico em orientação profissional, toda vocação é uma tentativa de reparação⁹. De maneira bem resumida, sua ideia é a de que todo chamado vocacional é a possibilidade que temos de reparar algo traumático que aconteceu em nossa história de vida passando da dor ao amor e amando a partir daí. Uma criança que foi muito doente, por exemplo, poderá reparar a dor dessa infância numa vocação que tenha a ver com a área da saúde ou a cura. A vocação dela será, assim, uma maneira de ressignificar a dor da infância.

Sem aprofundar este tema da reparação, para não perdermos o foco sobre o acompanhamento, é importante simplesmente dizer que nem todos os candidatos que recebemos em nossas casas são chamados à Vida Religiosa e às suas exigências. Se não tiver uma motivação realmente clara e entranhada na história de vida, poderemos acolher pessoas que passarão a vida toda em nossa Congregação sem saber o que são ou que fazem ali. Pior ainda quando

⁹ Possivelmente mais útil do que o conceito de “sublimação” seja o de “reparação”, surgido da escola inglesa de psicanálise. Sugere entender a reparação como uma variável independente e a identidade ocupacional como uma variável dependente dela.

Entre nós, Wender (51) postula a hipótese de que as vocações expressam respostas do ego diante dos “chamados” interiores, chamados de objetos internos prejudicados, que pedem, reclamam, exigem, impõem, sugerem etc., ser reparados pelo ego.

A escolha da carreira mostraria a escolha de um objeto interior a ser reparado. Isto significa que a carreira seria uma resposta do ego (o invocado) a um objeto interior danificado (invocante). BOHOSLAVSKY, Rodolfo. *Orientação Vocacional: a estratégia clínica*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. Pag.73

se tornam um peso para uma comunidade missionária no futuro. Digo isso para reafirmar, uma vez mais, o valor e a necessidade de um bom acompanhamento no tempo da Formação Inicial.

Conclusão – “Amados por Deus para amar a todos”

O Teólogo João Batista Libâneo, SJ em uma conferência à Família Chevalier no Brasil certa vez resumiu nosso carisma na seguinte frase: o Missionário do Sagrado Coração é um homem amado por Deus para amar a todos. Recorro a esta frase para concluir este texto reafirmando a grande importância de um bom acompanhamento em processo formativo. Essa frase tem a ver com o número 34 de nossas constituições onde lemos:

“Pela profissão dos conselhos evangélicos, nós proclamamos que o dinamismo de nossa vida de Missionários do Sagrado Coração é nossa fé no amor de Deus manifestado no Coração de Cristo. Nossa profissão religiosa expressa antes de tudo nessa vontade de buscar a Deus e de responder ao amor d’Aquele que nos amou primeiro.”

A resposta livre diante do chamado só poderá brotar a partir do momento em que o formando pode definir-se, ou seja, saber qual sua identidade pessoal, conhecer-se a si mesmo e estar em paz com o que descobriu durante o processo. Em outras palavras, isso é o que significa, segundo nossas Constituições, ‘responder ao amor d’Aquele que nos amou primeiro’.

A Formação Inicial tem como principal objetivo ajudar o formando a se conhecer e experimentar o amor de Deus mesmo onde dói. Vemos muitos belos discursos espirituais de pessoas que falam do amor de Deus, mas que não estão convencidas do mesmo porque experimentaram e experimentam grandes golpes em sua alma. Sem falar daqueles que não deixam ninguém penetrar em suas histórias porque são auto suficientes ou narcísicos.

Saber-se amado por Deus é tarefa exigente. Mesmo nós, que já fizemos boa parte do caminho junto com o Mestre, hora ou outra temos necessidade de reconfirmar esse amor. Sentir e saber-se amado é trabalho para toda vida uma vez que as adversidades e experiências negativas insistem em pôr em evidência nossas compulsões. Assim que nunca poderemos dizer que já estamos totalmente completos e satisfeitos porque nosso coração sempre deseja Deus, mas de vez em quando também se distancia Dele.

Para quem segue na Vida Religiosa o acompanhamento não termina. Muda de etapa, muda de acompanhante, mas revela-se como uma necessidade. Estamos sempre a caminho e se temos um bom (boa) companheiro (a) torna a viagem sempre mais prazerosa e poderemos amar porque sabemos que somos amados primeiro. Oxalá nossa grande contribuição como formadores seja a de inculcar nos jovens formandos o desejo de percorrerem o caminho sempre acompanhados de um bom acompanhante, até o final de nossa entrega.